

## **UM OLHAR AFETIVO PARA A HISTÓRIA**

Maria Clementina Pereira Cunha\*

Quase dois meses após a morte de Alcir Lenharo (1946-1996), ocorrida no dia 7 de julho, ainda é difícil escrever esta despedida. Mais que falar do amigo, devemos a ele um balanço da contribuição que ofereceu aos historiadores distraídos em relação a temas fundamentais da história cultural do país. Mérito de um trabalho, de resto, pouco reconhecido em seus desdobramentos mais recentes.

O Alcir mais conhecido dos historiadores é aquele que produziu dois trabalhos, hoje tidos como clássicos sobre seus respectivos períodos. *As tropas da moderação* (1979), que constitui uma das mais instigantes análises de um período pouco estudado da história brasileira – o início do século 19, visto por meio do comércio interno de tropeiros, e *A sacralização da política* (1986), que renovou profundamente as formas de abordar um período dos mais tratados e menos compreendidos da história brasileira – o Estado Novo.

Deslocava-se com facilidade, como se vê, entre períodos, abordagens e fontes. Uma rápida olhada no conjunto de sua obra pode confirmá-lo: livros e artigos sobre Adoniram Barbosa e a cidade de São Paulo, a “marcha para Oeste” do período Vargas, o nazismo e seus significados do ponto de vista da comunicação, o cinema e particularmente as chanchadas da Atlântida.

No interior dessa produção, e com certeza cada vez maior, o tema da massificação da cultura despontava como um eixo ordenador das suas preocupações e pesquisas. Falou muito sobre isso em conferências, seminários e aulas, com a paixão que seu trabalho sempre lhe despertou e da qual foram testemunhas centenas de profissionais de sua geração e alunos que ele ajudou decisivamente a formar.

Mais apaixonado que tudo, no entanto, ele foi pelo que costumava chamar a “cultura do rádio”. Sou testemunha do começo desta história, origem nada acadêmica, em noi-

\* Professora do Departamento de História da Unicamp.

tadas compartilhadas com amigos, regadas a uísque e a uma envergonhada (de minha parte) nostalgia mesclada com risadas, nas quais disputávamos quem sabia cantar mais os boleros e canções que ouvimos no rádio da nossa infância.

Mas para ele não eram apenas “horas da saudade”. Textos, cursos e orientação de trabalhos em torno das temáticas relativas à massificação da cultura, particularmente nos anos 1930 a 1950, seguiram-se, a este primeiro momento, entremeados com instantes inesquecíveis da convivência pessoal: a volta de Ângela Maria e Cauby, o improvável retorno – *oh little darling* – de Lana Bittencourt em um obscuro teatro do centro e muito mais.

Um desses shows que vimos juntos, em uma boate cujo nome já não me lembro, foi da inesquecível Nora Ney. Cheia de dignidade, apresentava-se isenta de qualquer folclore saudosista.

Foi nesse dia que Alcir me revelou a nova empreitada em que se lançava: o trabalho solidário e desafiante, para um historiador com seu perfil, de dar forma às memórias de Nora e seu marido, o cantor Jorge Goulart, que desejavam deixar registrados seus testemunhos sobre os anos dourados do rádio (mas cinzentos da política, para dois artistas comunistas que atravessaram o Estado Novo e o regime militar pós-1964).

A cada encontro com o casal de artistas, o fã e o historiador, com uma visão cada vez mais aguda sobre aquilo que os depoimentos lhe traziam, iam se mesclando na definição de um perfil inovador.

Pois Alcir não desempenhou aí o papel – em todo caso digno e necessário – de um simples *ghostwriter* dos artistas. Ele conseguiu, em uma delicada ourivesaria, entrelaçar esses depoimentos com uma pesquisa original, calçá-los com contextos delineados com muita precisão e sutileza, fazê-los dialogar com a história, ultrapassando a dimensão da memória pessoal e afetiva ou da exposição de curiosidades que costumam marcar este tipo de abordagem.

O resultado final foi, como acontece sempre no meio acadêmico, mais um livro, *Cantores do rádio – A trajetória de Nora Ney e Jorge Goulart e o meio artístico do seu tempo* (1995).

Alcir emocionou-se por ter conseguido concretizar o sonho dos cantores que queriam imortalizar no papel impresso suas memórias. Mas havia mais o que saudar aí, tratava-se de uma obra capaz de apontar novas perspectivas para o trabalho de historiadores debruçados sobre o período e sobre temas da cultura. Talvez, por isso, tenha parecido um tanto estranho a alguns círculos.

Sendo o melhor livro de Alcir Lenharo – todos de excelente qualidade, como mencionei – não mereceu nem sequer uma resenha em revistas acadêmicas ou na imprensa.

Alguns devem ter olhado com desdém um livro fácil demais de ler. Outros, secretamente, consideraram o tema indigno das pautas historiográficas e jornalísticas. Alguns outros podem ter se sentido levemente constrangidos diante de um tema cuja importância intuía, mas cuja dificuldade inibia aventuras interpretativas. Seja por que for, “*Os cantores do rádio*” mais uma vez foram condenados ao silêncio.

Creio que não poderia prestar a Alcir Lenharo melhor homenagem que lembrar sua risada roncada, dizendo a todos os que ignoraram o valor e a importância fundamental de sua obra: “*Vocês não sabem o que perderam!*”. Para os que sabem, no entanto, restam as valiosas indicações que seu trabalho nos legou como uma herança dolorosamente prematura.